OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semestre — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas, (idem).....	4$000	2$000	-$-	-$-
Estrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-
Brazil (moeda fraca).....	15$000	7$500	-$-	-$-

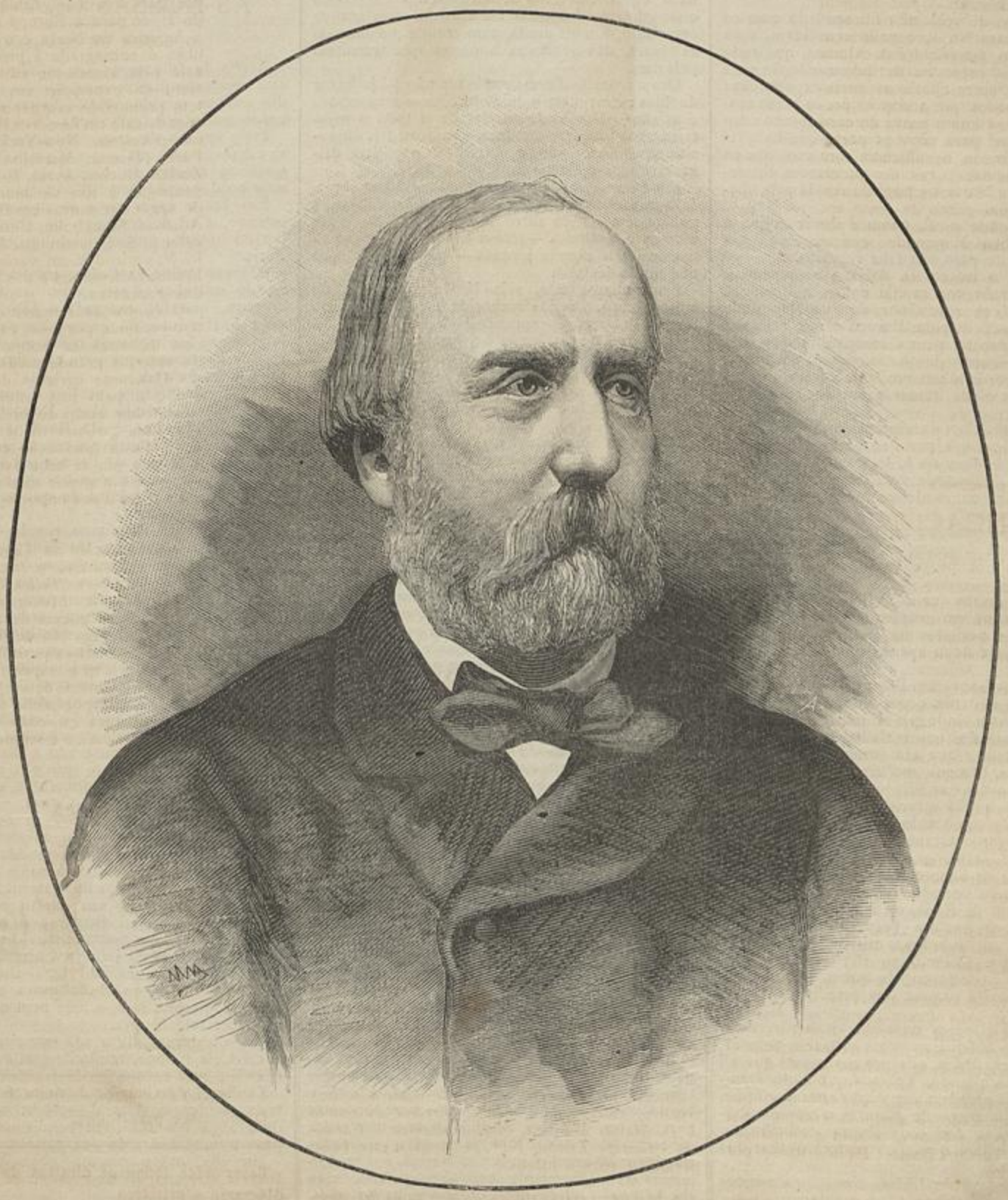
6.º ANNO — VOLUME VI — N.º 170

11 DE SETEMBRO 1883

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.



CONDE DE CHAMBORD — Fallecido a 24 de agosto de 1883 — (Segundo uma photographia de Ernesto Pflanz)

CHRONICA OCCIDENTAL

Regressou a Lisboa depois d'uma ausencia de cerca de quatro mezes S. M. a rainha a sr.ª D. Maria Pia de Saboya.

A sua viagem começou pela sua visita a Madrid, para onde partiu com el-rei em 21 de maio ultimo. É desde esta data que S. M. está ausente. Findos os festejos de Madrid el-rei D. Luiz voltou para Lisboa e S. M. a rainha ficou em Madrid esperando seus filhos e com elles seguiu para Italia, demorando-se alguns dias pelas terras principaes por onde passava, mas fazendo a sua maior permanencia em Italia onde foi visitar seu irmão o rei Humberto, e onde teve a recepção enthusiastica da côrte e do povo italiano, recepção que as altas virtudes e as brilhantes qualidades de caracter da gentilissima filha de Victor Manuel justificam plenamente.

A falta da rainha D. Maria Pia em Lisboa era muito sentida não só no paço da Ajuda, não só pelos pobres que encontram sempre n'ella uma desvellada protectora, mas em toda a cidade, onde a presença da formosa soberana, é sempre uma alegria e uma festa, para o povo que a estima sinceramente não por ser rainha mas por ser boa, amavel e gentil.

O regresso de S. M. não foi saudado com os festejos preparados, que nada significam, com essas ruidosas manifestações externas, que toda a gente sabe como se fazem: teve saudação mais significativa mais sympathica e mais expontanea: a anciedade com que a população, ás horas matinaes em que ordinariamente dorme a somno solto encheu as ruas para vêr a princeza que ha quatro mezes não via, a affluencia rara com que os altos personagens do reino, concorreram á recepção real que houve no paço da Ajuda pela chegada da rainha.

Nós, registando aqui, como é dever nosso, a viagem de Sua Magestade, cumprimentamol-a respeitosamente pelo seu feliz regresso.

Sua alteza o infante D. Affonso acompanhou sempre sua mãe e com ella voltou a Portugal. O principe Real, separou-se de sua Magestade em Italia e seguiu pela Europa a sua primeira viagem de instrucção, na companhia dos seus preceptores, viagem de que regressará em breve, por mar, a bordo d'um navio de guerra, que segundo se diz o irá buscar a um dos portos do norte.

O plano primitivo da viagem da rainha foi um pouco modificado, e por isso em vez de passar a estação de banhos no Lido, como ao principio se disse, Sua Magestade veiu tomar banhos para Portugal, e irá como de costume para a praia de Cascaes.

El-rei D. Fernando, a sr.ª condessa d'Edla, e o sr. infante D. Augusto, continuam ainda a sua viagem pela Europa, e estão actualmente na Allemanha.

Ha muitos annos que a familia real portugueza não sahia assim em grupos a viajar, e foi este um dos raros periodos na historia portugueza, em que no paiz ficou apenas uma pessoa da familia real.

—Ha noites houve em Portugal um grande incendio, que destruiu quasi totalmente um dos estabelecimentos industriaes mais notaveis do nosso paiz, um dos que mais honravam a industria portugueza, e que era sustento de cerca de 500 operarios, homens, mulheres e crianças que n'elle trabalhavam quotidianamente — o incendio da fabrica de fiação e tecidos de Thomar, que tinha cerca de um seculo de existencia.

N'outro logar o Occidente occupa-se detidamente d'esse facto, que pela sua importancia avultou entre os acontecimentos d'estes ultimos dias, e produziu sensação em todo o paiz.

—Regressou de Paris, ou antes, veiu a Lisboa de visita, porque volta breve para França a completar os seus estudos, o nosso presado amigo e collega o sr. Columbano Bordallo Pinheiro, pintor de muito talento, de quem o Occidente tem publicado já muitos dos principaes trabalhos.

Ainda não tivemos occasião da o vêr, de o abraçar, e de o felicitar pelos notaveis progressos que fez em Paris, nos poucos mezes que ali tem estado estudando. Cremos que Columbano apresentará na proxima exposição annual que em Lisboa faz um grupo de pintores novos e trabalhadores, alguns dos seus ultimos trabalhos, e por esses trabalhos o publico poderá avaliar dos seus progressos.

—A policia civil de Lisboa começou a emprehender uma campanha contra a galanteria reles que fazia *trottoir* á noite nas ruas e praças da cidade baixa.

Era já tempo, porque esse commercio vil attingira, sobretudo nas ruas mais frequentadas, umas proporções escandalosas e desvergonhadas, sériamente assustadoras.

Entretanto, vale mais tarde do que nunca.

E já que a policia accordou para este ramo do serviço publico do lethargo em que ha muito jazia, tomamos a liberdade de lhe fazermos algumas pequenas observações.

Dizem-nos que a ordem dada agora pelo sr. commissario geral, e julgamos que baseada no regulamento respectivo, prohibe o transito das Venus das viellas, pelas ruas da cidade das 9 horas da noite em diante.

Afigura-se-nos extremamente mal escolhida a hora; porque exactamente quando a concorrencia nas ruas é maior, maior o commercio das *solliciteuses* e portanto muito maior o escandalo é justamente até nove horas.

D'essa hora em diante as lojas começam a fechar, os theatros a encher-se, e as ruas a ficar desertas.

Parece-nos portanto que o que se queria, ou o que se devia evitar não se evita.

Nas ruas da baixa, por exemplo na rua do ouro, da 1 hora da tarde até ás 5 ou 6, andam cardumes de pseudo-varinas, algumas creanças ainda, provocando quem passa, com gestos e palavras nada equivocas n'um desbargamento de modos e de phrases dos mais vis bordeis, com grande escandalo, e mais ainda, com grande incommodo ás vezes, das senhoras honestas que transitam pela rua.

Ora a respeito d'essas mulheres não póde haver duvidas: ellas têem o cuidado com os seus modos e as suas palavras de arredar de si todo o mysterio, mostram francamente, cynicamente, obscenamente o que são, e entretanto a policia deixa-as andar na mais ampla liberdade.

E ao passo que isto acontece quotidianamente, ás horas claras do dia, em plena cidade baixa, a policia em dando nove horas, prende ás vezes a torto e a direito — tem-n'o dito protestos justissimos em alguns jornaes — qualquer senhora que ande sósinha.

Francamente isto, seja lá de quem fôr, do regulamento, ou das authoridades, não é logico nem justo, nem comprehensivel.

Exactamente ás horas em que a presença de certas mulheres nas ruas é um escandalo enorme, deixam-n'as andar á vontade, quando a solidão nocturna das ruas começa a diminuir, a escurecer o escandalo é que as prohibem de transitar.

O contrario comprehender-se-hia ainda, visto que a falta de pessoal no corpo de policia, faz adoptar como boa medida policial estas repressões da liberdade de cada um.

Parece-nos que em boa policia estas repressões são condemnaveis, a policia de costumes nas ruas não deve, nem pode consistir em mandar fechar em casa aquelles ou aquellas que os podiam offender: consiste sim em as vigiar, e logo que delinquissem, castigal-as severamente.

Entretanto, repetimos, a má organisação da nossa policia, a falta enorme de pessoal, não nos permitte aspirar a este ideal de boa policia: temos de nos contentar com o que se póde fazer. Trata-se porém de escolher entre esse pouco, o melhor que fazer se póde.

E parece-nos que o melhor não é precisamente o que se está fazendo.

Estas nossas considerações, porém, são feitas apenas sobre o modo pratico de pôr em execução os regulamentos em vigor. A respeito d'esses regulamentos não queremos fallar, e faremos votos apenas, para que visto os poderes publicos terem agora principiado a olhar um pouco para este ramo de serviço policial subam um bocadinho, e encarem a questão sob o ponto de vista social, e tratem de a resolver n'esse campo.

— Vae abrir novamente no dia 15 do corrente o *Colyseu dos Recreios* com uma companhia de bailados e mimica, que dará uns espectaculos, segundo dizem completamente novos em Lisboa.

Em seguida a essa companhia virão os eternos cavalinhos, essa sensaboria annual que expecula o mau gosto indigena e faz uma concorrencia terrivel aos theatros portuguezes.

Esses theatros preparam-se todos já para a campanha do inverno.

A Trindade abriu já as suas portas, com expectaculos velhos e está ensaiando uma peça que teve grande successo na Allemanha, e está o tendo agora no Rio de Janeiro — successo entre parentheses, que tem ali dado logar a uma troca de cartas violentas, d'injurias pesadas, publicadas nos jornaes, entre o sr. Sousa Bastos, e o sr. Celestino da Silva, agente theatral muito conhecido em Lisboa — *A Dona Juanita*, musica do maestro viennense Suppé, o auctor do *Boccacio* e poema accommodado á scena portugueza por Eduardo Garrido.

D. Maria inaugura a sua epocha no dia 15, com a *reprise* do *Drama no fundo do mar*, emquanto prepara o *Mr. le ministre* de Jules Claretre que será a primeira peça nova da sua estação theatral.

No reportorio novo d'esta epocha D. Maria conta o *Shylock* de Shaskspeare, que será desempenhado por Antonio Pedro, e o *Richelieu* de lord Lytton.

O theatro do Gymnasio abre no dia 14 com peça nova — *Les provinciales á Paris* de Emilio Nasac e Pol Moreau.

Os Recreios abrem no dia 28 com a sua companhia antiga, começando os espectaculos de Lucinda Simões e Furtado Coelho no meado de outubro com a *Perle*, uma comedia que foi o maior *successo* theatral de Paris na epocha passada.

No dia 1 d'outubro finalmente começa a epocha lyrica em S. Carlos com o *Roberto do Diabo*.

Vamos portanto entrar em pleno inverno.

O peior é que contradiz tudo isto, o calor que setembro nos traz agora, depois de nos ter dado nos seus primeiros dias a miragem do outomno.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

O CONDE DE CHAMBORD

Acaba de fallecer no seu palacio de Frohsdorf este eminente personagem, ultimo representante dos antigos reis do direito divino em França, e unico esteio dos legitimistas d'aquelle paiz.

Fora um dia de extraordinarias festas e regosijo aquelle em que a gentil princeza napolitana Carolina entrava na capital da França, para se unir ao duque de Berri, filho 2.º do rei Carlos X.

Em breve esses risos se tornaram em luto, quando, a 13 de fevereiro de 1820, o duque cahia no tumulo, morto violentamente nas ruas de Paris.

A joven princeza ficára, porém, gravida, e a 29 de setembro d'esse anno dava á luz uma creança, que foi chamada o *filho do milagre*, cujo nascimento foi extraordinariamente festejado, e que foi baptizada com agua do rio Jordão, trazida expressamente para esse fim pelo immortal Chateaubriand.

O *filho do milagre* recebeu o nome de Henrique Carlos Fernando Maria Deodato d'Artois, e foi intitulado duque de Bordeus e conde de Chambord, por que ficou conhecido na historia.

Tal foi a alegria da França por esse successo, que por uma subscripção nacional foi comprado o castello de Chambord de que se fez presente ao recem-nascido.

Em julho de 1830 uma revolução liberal fezendo subir ao throno da França Luiz Filippe de Orleans, fez seguir o caminho do exilio ao ramo da familia Bourbon que ali reinava, e por conseguinte ao joven Henrique.

Sua mãe, como é natural, ardia por seu filho, e desejava ardentemente o throno para elle. N'este intuito e quando julgou opportuno partiu aforrada para França, onde algum tempo discorreu incognita, praticando com os seus parciaes. A policia, porém farejou-a e descobriu-a. Retida por ordem do governo, foi encerrada em um castello. Dentro em pouco espalhavam-se certos boatos a seu respeito, chegando a dizer-se, em um jornal, que o estado em que ella se achava era improprio de uma senhora viuva, expressão que custou a vida a Armand Carrel.

A princeza declarou que se achava casada morganaticamente com um conde italiano, mas o governo de Luiz Filippe, mandando verificar o seu estado, não a deixou sahir de França, e no dia em que as dores da maternidade a accommetteram, entrou no seu quarto por ordem do governo o marechal Bugeaud e o seu Estado maior, para serem testemunhas do acto.

Com esta vilania julgava Luiz Filippe dar um golpe mortal no partido legitimista; o que fez foi cavar um profundo abysmo entre as duas familias, porque nem a mãe nem o filho podiam esquecer tal affronta.

Expiou duramente a sua maneira de proceder o rei Luiz Filippe, tendo de partir de novo para o exilio, pela revolução de fevereiro de 1848.

O conde de Chambord tinha feito a sua estreia politica, declarando-se pertendente á coroa de França em 1843, recebendo então as principaes notabilidades do seu partido.

Em 1845 casou com a princeza Maria Thereza Beatriz Caetana, filha mais velha do duque de Modena.

A morte de seu avô Carlos x e de seu tio o duque de Angouleme, deram-lhe o direito a ser considerado chefe do seu partido, e desde então estabeleceu a sua residencia em Frohsdorff.

Em 1848 estava em Veneza com sua mãe, quando se deu o movimento referido, e comquanto reconhecesse a inoportunidade d'elle, comtudo, seduzido por algumas promessas enganadoras, chegou a aproximar-se das fronteiras. — Ainda se tentou uma fusão entre os dois ramos, que se não realisou.

A proclamação do imperio em 1852 obrigou-o a voltar á expectativa, limitando-se a sua acção a uma carta, em guisa de manifesto, dirigida a Nettement em 1861, acerca do poder temporal do papa, uma proclamação em junho de 1862, e algumas cartas publicadas ha alguns annos, nas quaes expressava o proposito de manter em sua pureza a bandeira branca.

O conde de Chambord era um perfeito cavalheiro, e um homem cuja honradez era proverbial, porisso não admira que tanto em França como no estrangeiro, e entre os homens de todas as cores politicas, não houvesse senão expressões de respeito pelo morto illustre, que foi uma esperança, mas a quem a providencia não quiz permittir que cumprisse todos os seus deveres para com o seu paiz, como elle dizia nos ultimos momentos, morrendo com o nome da França a murmurar-lhe nos labios.

A morte do conde de Chambord, se livra a França de um pretendente, dá porém nova força e vigor ao partido monarchico, collocando a supremacia d'elle nas mãos do conde de Paris, ao qual prestam a sua adhesão os partidos legitimista e orleanista.

Reorganizados assim os partidos vão achar-se em frente um do outro a republica e a monarchia, porque o partido bonapartista não tem hoje grande importancia, e não será talvez muito difficil aos espiritos bem experimentados na politica, predizer qual será o resultado da crize que, ha annos, se agita na França.

TERREMOTO DA ILHA DE ISCHIA

A 28 de julho do corrente anno, ás 9 e meia da noite quando os habitantes da ilha estavam começando a entregar-se ao descanço e a grande quantidade de forasteiros, vindos a ella para gozarem a estação balnearia e thermal, se achavam reunidos no café, no theatro, nos salões, um violento abalo, que durou apenas quinze segundos, os surprehendeu a todos, e arruinou completamente as pittorescas povoações de Casamicciola, Lacco-Ameno, Forio d'Ischia, Serrara-Fontana e Barano, ficando debaixo das suas ruinas cerca de cinco mil pessoas.

Pouco mais de dois annos havia que outro terremoto (Vej. o nosso n.º 84 de 1881) tinha causado bastantes ruinas em Casamicciola, e aquella deliciosa ilha, nomeada pelos seus encantos desde a mais remota antiguidade, soffreu em menos de dois annos uma catastrophe que poz em esquecimento as anteriores.

As nossas gravuras dão uma idéa dos prejuizos causados pelo cataclismo ultimo.

Ao que se disse n'aquelle numero do nosso periodico citado acima, acrescentaremos alguns esclarecimentos.

A ilha de Ischia, que os italianos, denominam hoje a *Filha do fogo*, pertence ao districto vulcanico dos *Campi Flegrei*, que, segundo as fabulas da mythologia, foram o theatro da guerra dos gigantes contra os deuses; n'aquella ilha levanta-se o monte *Epomeu* hoje chamado de S. Nicolau, a que Strabão chama *serpente entre as flores*, quando falla das suas erupções e abalos; sob esse monte, segundo cantam os poetas, ficou sepultado Tifeo, como Encelado sob o Etna, o qual quando move sua terrivel cabeça faz montanha tremer e vomitar chammas e torrentes de agua fervente.

Quem não conhece as descripções que os viajantes fazem d'este delicioso torrão? Quem não tem lido ao menos nas *Confidencias* e *Meditações* de Lamartine o que ha de mais poetico e mimoso relativo a Napoles, ao seu golfo e ás suas ilhas?

Em frente de Puzzuoli a oeste do cabo Miseno estão situadas as duas mais encantadoras ilhas d'esse golfo: Procida e Ischia.

Esta ultima chamada, antigamente *Pithecusa* e *Ænaria* e na idade média *Ischia*, donde o nome actual, tem uma superficie de 70 kilometros quadrados; as suas costas, não comprehendendo enseadas e bahias, medem 30 kilometros; suas principaes povoações são, além das mencionadas: Testaccio, Panza e outras. O monte Epomeu eleva-se a 800 metros sobre o nivel do mar, e sobe-se ao seu cume, onde se ostenta um magnifico *belvedère*, que domina o mais assombroso panorama, por escadas e galerias abertas na rocha vulcanica.

O monte Epomeu lançava chammas e torrentes de lava no anno 474 antes da era christã, e diversas erupções se seguiram durante os reinados de Tito, Antonino e Diocleciano sendo a ultima em 1304.

A capital que é sede episcopal, tem 7:000 habitantes, Casamicciola tinha 4:500.

Todos os annos grande quantidade de familias não só da Italia, como de outros pontos da Europa dirigiam-se á ilha, e principalmente a Casamicciola, para gozarem da amenidade do seu clima, e das suas afamadas aguaes thermaes, nomeadamente do magnifico manancial do *Gurgitello*, o qual não perdeu as suas qualidades com o terremoto de 1881, como verificou o professor Palmieri, que voltou agora a examinar esse assumpto, que parece porém poder confirmar de ante-mão.

Estas circumstancias explicam a terribilidade do cataclismo que victimou o bispo, algumas irmãas da caridade, que serviam no hospital, escapando o maior numero, por haverem ido acompanhar alguns doentes a Napoles, e o grande numero de estrangeiros sepultados nas ruinas.

As providencias tomadas pelo governo italiano foram rapidas e energicas.

Forças de engenheiros e de trabalhadores foram enviados para a pesquiza dos victimados, e desentulho das ruinas.

Soccorros valiosos foram enviados de toda a parte, e até em Paris se fez uma publicação intitulada *Paris a Ischia*, como a conhecida de Paris Murcia para levar alguma consolação aquella ilha, que hoje chamam *terra da desolação*.

Aquelle vasto horizonte, aquella extensão de cabos, ilhas, promontorios, aquelle grandioso espectaculo que encerra historicas cidades, campos florídos, ruinas celebres, o mar Tirreno, sob um ceu sempre azul e purissimo, fórma um conjuncto que nenhum pincel póde imitar, e não admira que os antigos collocassem n'esta ilha os Campos Eliseos.

Fecha Lamartine a sua bellissima Meditação *Ischia*, por estes versos:

Sous ce ciel où la vie, où le bonheur abonde,
Sur ces rives que l'œil se plaît à parcourir,
Nous avons respiré cet air d'un autre monde,
Elise... Et cependant on dit qu'il faut mourir!

Talvez que nenhuma das victimas tivesse sequer o vago presentimento, de que esta fatal lei da creação viesse feril-as n'aquelle delicioso recinto.

REAL FABRICA DE FIAÇÃO DE THOMAR

No dia 29 do mez passado a bella cidade de Thomar foi surprehendida por um d'estes successos que fazem epoca em uma terra. Ás 8 3/4 da noite o sino da real fabrica de fiação e tecidos, alli estabelecida, dava o signal de fogo, correspondido logo pelo sino da egreja de S. João que tocava a rebate.

A estes avisos e á voz que se espalhou de que estava a arder a fabrica tudo correu ao logar do sinistro. As duas bombas municipaes com o seu pessoal, as auctoridades, um piquete de infanteria 11 para policia e dois para trabalho de fachinas e os cidadãos de todas as classes correram a prestar os seus serviços. E tudo era preciso, porque aquelle estabelecimento representava o viver de 500 operarios e suas familias.

O administrador da fabrica com o pessoal d'ella já então trabalhava com os extinctores que ella possue, comtudo todos estes esforços não eram sufficientes para extinguir um incendio d'aquella ordem, que uma rija nortada fazia desenvolver. Dentro de uma hora a fabrica era uma enorme fogueira cujo clarão se avistava de grandes distancias. A parte principal do edificio, onde estavam os teares, ficou completamente destruido; podendo salvar-se os batedores, tecelagem, tinturaria, machina de vapor, turbina, gommadeiras, escriptorio e parte das manufacturas em deposito.

O fogo foi produzido pelo aquecimento de uma peça que estava ligada ás urdideiras do tear. Felizmente não houve prejuizo ou desastre a lamentar entre todos os que trabalharam com coragem na extincção do incendio, distinguindo-se o musico de 1.ª classe d'infanteria n.º 11 Romão Cidrak pelo seu denodo, arrojo e abnegação.

A fabrica de Thomar data de 1772, e é ainda um dos vigorosos rebentos da Real Fabrica das Sedas, nascida em 1734 e levada ao seu apogeo, de 1757 em deante, pelo sopro vivificante do marquez de Pombal.

Tinha vindo para Portugal em fins de 1760 principios de 1761, para mestre das obras de malha d'esta real fabrica o francez *Noel Le Maître*, e parecendo algum tempo depois, á Direcção da mesma, quanto seria conveniente dar maior desenvolvimento a esta parte do fabrico, combinou com aquelle habil artista ir estabelecer uma fabrica em Thomar.

Effectivamente em 13 de dezembro de 1771 foram ajustadas e assignadas as condições entre a Direcção e Noel Le Maître, que foram confirmadas por alvará do dia immediato, datado de Pancas, tal era a actividade que o marquez de Pombal punha em tudo o que eram melhoramentos.

A fabrica destinava-se á manufactura de meias, calções, luvas, barretes e manguitos de lã, e algodão, por conta do emprezario, a quem se emprestavam 4:000$000 de rs. e 30 teares armados, o que tudo satisfaria em prestações de 1:000$000, a partir do fim do 6.º anno da confirmação do contracto; a fiscalisação de tudo ficava competindo á direcção da fabrica das sedas.

Começando com bastante desenvolvimento, gastos os fundos primitivos, ao cabo de 15 ou 16 annos viu-se Le Maître obrigado a rescindir o contracto, pedindo se lhe acceitassem os moveis e utensilios para pagamento da sua divida, mas não chegando elles para tanto, cobrou-se o resto pelos seus ornenados e por uma tença que havia sido concedida a sua mulher, voltando elle para a fabrica das sedas.

Foi então, em 1789, que se organisou uma sociedade composta de *Jacome Ratton e filho* e *Timotheo Lecussan Verdier*, francezes, apresentando o 1.º ao marquez de Ponte de Lima um projecto para a nova exploração da fabrica. *Le Maître*, tinha ajuntado ás manufacturas de lã e algodão, algumas de seda, os novos emprezarios obrigavam-se a continuar o fabrico dos objectos de malha, e a ampliar o estabelecimento com o de tecidos de algodão, linho, seda ou lã, como lhes conviesse, estabelecendo por machinas proprias a cardagem e fiação do algodão, de sorte que alem do necessario para as suas manufacturas, podesse ainda abastecer as outras fabricas do reino com abundancia de fiados. Estas condições foram assignadas e approvadas por alvará de 17 de agosto de 1789.

Não durou muito aos dois Ratton o prurido do fabrico, por isso que, pouco depois de passados tres annos, retiraram-se da sociedade, tendo *Verdier* de estabelecer segunda em 17 de janeiro de 1793, em que entraram *Antonio José Ferreira*, *Miguel Lourenço Peres* e *Francisco Palyart*. Em 31 de março de 1797 sahiram os dois primeiros, ficando *Verdier* e *Palyart*, e entrando de novo *Jacintho José de Castro*, *Jacome Juvalta*, *D. Anna Isabel Verdier* e *Felix Clamouse Palyart*.

Com a expulsão dos francezes depois da invasão de 1807, teve *Verdier* que sahir para França, ficando sua mulher por procuradora, a qual, não tendo forças para tamanha empreza, e não se querendo nenhum dos socios existentes no reino encarregar da administração, teve de acceitar os serviços de *Domingos Gomes Loureiro*, que entrou para a direcção por compra de algumas acções.

Algum impulso recebeu então, reunindo elle a esta fabrica um estabelecimento analogo que tinha em Alcobaça. Vê-se por este rapido esboço, que os dois nomes que devem ser venerados nos annaes da antiga fabrica são os de Noel Le Maître, seu creador e instituidor e Timotheo Lecussan Verdier, um dos seus restauradores e seu constante e infatigavel propulsor.

Foi vivendo uma vida defecada e quasi nulla, sob a administração dos seus descendentes, até que, em 1873, o sr. Henrique Pereira Taveira organisou uma companhia para a exploração da antiga fabrica, cuja escriptura se realisou a 17 de julho do mesmo anno.

A 20 de setembro começaram as obras de restauração, e desde então para cá a fabrica tem tido o maior desenvolvimento, e achava-se hoje em um periodo de florescencia, distribuindo os seus lucros por mais de quinhentas familias, dando vida e animação áquella bella terra, e concorrendo com o seu trabalho para avigorar e fortalecer a industria do paiz.

MOEDAS DE COBRE DO REINADO DE EL-REI D. LUIZ I, QUE RETIRAM DA CIRCULAÇÃO

Principiamos hoje a cumprir a promessa que fizemos em o n.º 168, em que demos as gravuras da nova moeda auxiliar, publicando os desenhos das moedas de cobre feitas no reinado actual, e que vão ser retiradas da circulação em consequencia das novas moedas, o que se deve effectuar no praso de cinco annos.

Estas moedas foram mandadas cunhar por carta de lei de 26 de junho de 1867.

Successivamente iremos publicando as respeitantes a outros reinados.

TERREMOTO DA ILHA DE ISCHIA — Vista de Casamicciola e Monte Epomeo — Vista geral de Ischia, antes do terremoto de 28 de julho ultimo — Praça da Magdalena e vista de Casamicciola, depois do terremoto

O THEATRO DA RUA DOS CONDES

(Continuado do n.º 167)

Até 1837 esteve a companhia de actores francezes representando na Rua dos Condes.

A platéa recebia-os com grandes applausos; os jornaes dedicavam-lhe extensos artigos, em que o elogio quasi sempre predominava. Um nosso patricio, levado por um *chauvinismo*, talvez muito respeitavel, indignou-se com o facto, e dirigiu uma carta ao *Nacional*, censurando a predilecção que aquelle jornal mostrava pelos actores estrangeiros, e o esquecimento a que votava os nacionaes. Respondeu a isto o redactor do periodico, affirmando que folgaria com que o nosso theatro podesse merecer-lhe a preferencia, mas que infelizmente os nossos comicos, faltos de escóla, estavam longe, geralmente fallando, de imitar o espirito, a graça e a expressão com que os francezes arrebatavam a alma do espectador, aonde levavam todas as violentas paixões que tão naturalmente fingiam na scena.

Comprehenderam-se no reportorio da companhia de Emilio Doux os melhores dramas de V. Hugo, A. Dumas e dos homens de lettras que iniciaram o movimento romantico no theatro francez, e um grande numero de comedias de Scribe, Mellesville e de outros *vaudevillistas* do tempo. Com estas obras foram dadas algumas do reportorio classico, taes como o *Tartufo* de Molière, que se representou frequentes vezes e com immenso agrado.

O primeiro actor comico do theatro do Gymnase de Paris, mr. Paul, só no dia 11 de agosto de 1836 se estreiou em Lisboa, justificando a fama de que vinha precedido. O seu nome era sempre especialisado nos avisos de espectaculos, onde tambem se inumeravam os differentes papeis que lhe estavam distribuidos nas peças annunciadas.

As recitas dos actores francezes findaram em abril de 1837. A 27 de março d'este mesmo anno já os artistas portuguezes desempenhavam na Rua dos Condes o drama a *Duqueza de la Vaubalière* e a farça *Bernardo na lua*. Estas peças, que tinham sido aproveitadas do reportorio da companhia franceza, representavam-se nos dias em que esta não funccionava.

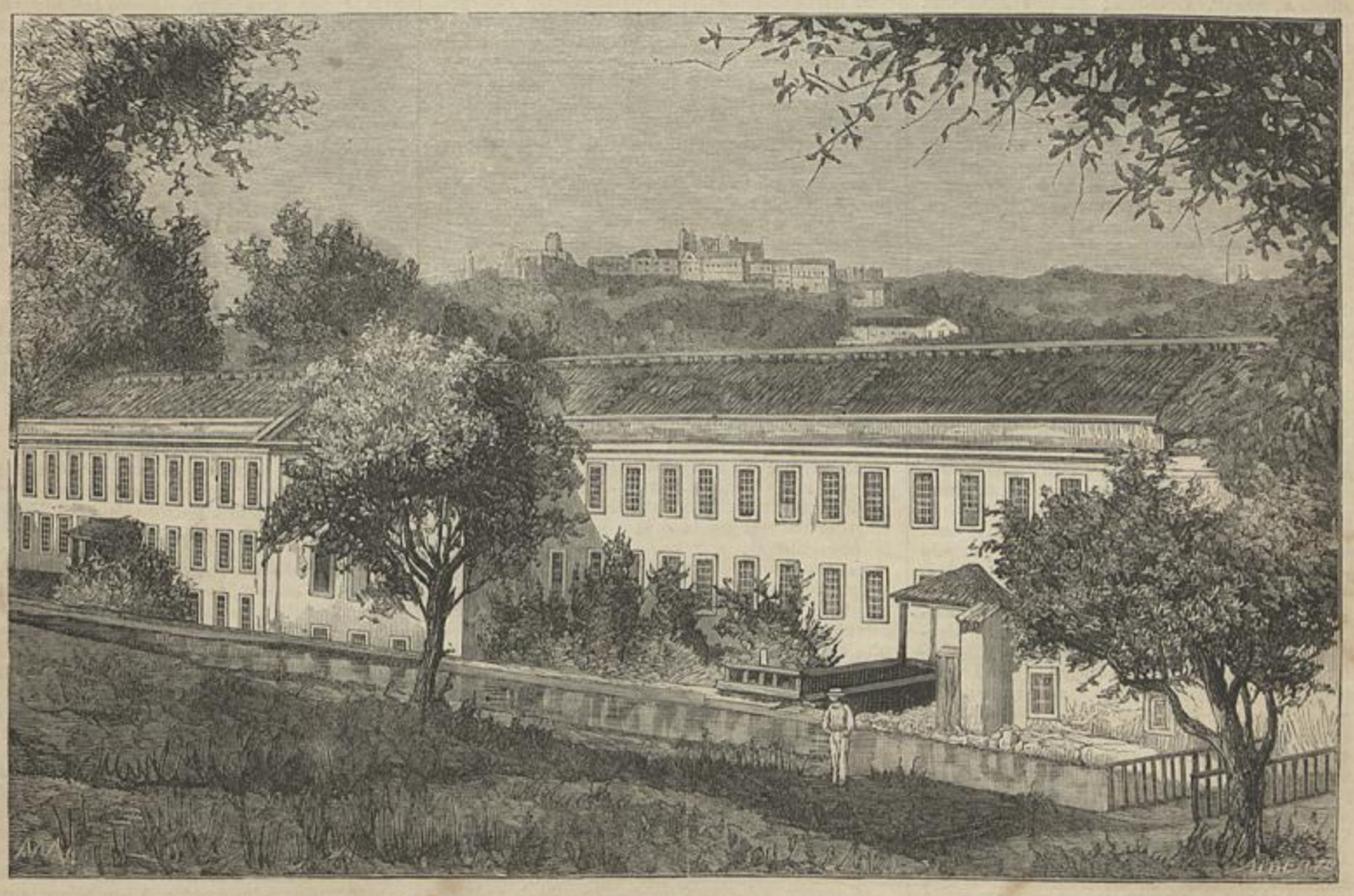
Estando para terminar as recitas da companhia franceza, Emilio Doux escripturou diversos actores portuguezes, e atrahiu para o theatro alguns discipulos, a quem ensinou os primeiros rudimentos da arte de representar. Dentro em pouco tempo, começou a dar na Rua dos Condes pela companhia portugueza, quasi todo o reportorio antes recitado em francez. Dos nossos antigos artistas não quizeram escripturar-se Sebastião Ambrozini e Borges Garrido. Este ultimo, tendo perdido quasi totalmente a vista, recolheu-se, como dissemos, a um asylo, e ali recebia dos seus collegas na arte a pensão de 4:800 réis mensaes, a qual foi paga depois por Emilio Doux.

Mais adiante veremos os nomes dos actores que constituiam n'este tempo o pessoal artistico do nosso primeiro theatro nacional.

O exito dos esforços do director de scena francez, foi magnifico. Graças ás suas lições, os nossos antigos actores corrigiram-se de muitos defeitos; descartaram-se por exemplo, da *ter-*

J. Barbosa Rodrigues, botanico brazileiro

(Segundo uma photographia de Modesto Ribeiro)



Real Fabrica de Fiação, em Thomar, destruida por incendio a 29 de agosto ultimo (Segundo uma photographia de A. S. Magalhães)

rivel cantilena, a que já alludimos, e passaram a estudar os seus papeis, o que não faziam anteriormente, de sorte que o espectador ouvia o ponto primeiro que o artista. Estas vantagens são reconhecidas pelo periodico o *Desenjoativo Theatral*, no seu primeiro numero, a despeito da pouca predilecção que os redactores d'aquella folha mostravam em geral por E. Doux.

Não se limitou, porém, este a aperfeiçoar os nossos antigos artistas, entre os quaes merecem especial menção Florinda de Toledo, Carlota Talassi, Victorino e Theodorico (velho); dedicou attenção particular aos discipulos e discipulas que atrahira para o seu theatro, e que pelos seus conselhos e lições vieram a conquistar primeiros logares na scena portugueza.

— Doux não era bom actor — dizia-me ha tempos um distincto artista dramatico, que ainda chegou a ser seu discipulo, — mas conhecia todas as regras da arte do seu tempo e *tinha visto muito*. No seu processo artistico havia toda a exageração romantica, mas a par de isto muita coisa boa. Representando, foi sempre victima dos seus defeitos physicos — tinha tronco muito pequeno e pernas de um comprimento extraordinario. Esta circumstancia, associada á exageração que havia no seu jogo de scena, prejudicavam-n'o a tal ponto, que o faziam parecer comico nos papeis mais dramaticos. Deixou-se por isso de representar, e dedicou-se ao cargo de ensaiador, em que era distincto. A sua influencia foi decisiva. Por um acaso raro deparou-se-lhe uma pleiade de artistas de talento verdadeiramente superior, como Epifanio, Emilia, Tasso, etc. A gloria d'estes brilhantes actores e de tantos outros ficou vinculado constantemente o nome do seu iniciador artistico.

Emilio Doux foi aggredido em 1838 pelo jornal o *Nacional*, visto não saber portuguez e não poder, por conseguinte, dar as inflexões proprias a cada sentimento; e bem assim por ignorar os usos e costumes de Portugal, o que o inhibia de ser perfeito em certos trabalhos scenicos. Defendeu-o da aggressão o articulista J. B. Ferreira, na *Atalaya Nacional dos Theatros*.

Para vermos quaes as pesadas responsabilidades que Emilio Doux impunha aos seus escripturados basta o seguinte.

A 8 de junho de 1837 subiu pela primeira vez á scena na Rua dos Condes, que passara a chamar-se *Novo theatro nacional do Gymnasio*, *a Torre de Nesle* de A. Dumas e Gaillardet, sendo os papeis principaes distribuidos do seguinte modo: *Gualter d'Aulnay*, Epifanio; *Filippe d'Aulnay*, Ventura; *Landry*, Lisboa; *Orsini*, Fidanza; *Buridan*, Dias e *Margarida de Borgonha*, Carlota Talassi.

A' difficuldade dos papeis, acrescia para os nossos actores o terem que entrar em confronto com os artistas francezes, que haviam conquistado bastantes applausos n'aquella peça. Apesar de tudo o celebre drama agradou muito e o mesmo aconteceu a quasi todos os outros do reportorio, o que deu em resultado tornar-se moda em Lisboa o ir á Rua dos Condes, e todos principiarem a acreditar que se ia a bom caminho para a regeneração completa da nossa arte dramatica, cujo estado fora antes verdadeiramente deploravel.

Viria agora a proposito contarmos os esforços empregados por João Baptista de Almeida Garret, para a restauração do nosso theatro; teriamos, porém, de ir muito além dos limites que se impõem ao presente trabalho. No quarto e ultimo volume da *Historia do theatro portuguez* relata o notavel professor sr. Theophilo Braga a lucta sustentada pelo primeiro dos nossos dramaturgos, com o fim de ver coroado de bom exito aquelle seu elevado pensamento.

No theatro da Rua dos Condes foi dada uma das batalhas de que se compoz aquella aturada campanha, batalha que foi uma victoria para o auctor do *Frei Luiz de Sousa*.

Para demonstrar ao publico que a nossa historia poderia fornecer a um habil auctor dramatico assumptos tão aproveitaveis como aquelles que, extrahidos das chronicas e lendas de diversos paizes, haviam dado aos romanticos francezes, especialmente, as peças representadas n'aquelle mesmo theatro e applaudidas com enthusiasmo: Garrett escreveu o *Auto de Gil Vicente* ou a *Côrte de el-rei D. Manuel*, drama em tres actos, de que fez principal figura o fundador do theatro portuguez.

Por ter sido de importantes consequencias para a nossa arte, o resultado obtido pela representação d'aquelle drama, entendemos dever não omittir certos promenores, apresentados a tal respeito pelos jornaes do tempo.

A primeira representação do *Auto de Gil Vicente* verificou-se na quinta feira 15 de agosto de 1838. O dia era de grande gala, por ser o do nome da rainha D. Maria II.

Houvera cuidado especial na *mise-en-scene*. As vistas, por exemplo, eram todas novas e feitas pelo pintor do theatro de S. Carlos, Palluci, que fôra a Cintra de proposito para reproduzir do natural a scena do primeiro acto. Por igual escruplo, tão pouco vulgar n'aquelle tempo, executou-se a vista que representava a camara do galeão, no terceiro acto, de accordo com o que diz Garcia de Rezende na sua narração da *Ida da Infanta* D. Beatriz.

A distribuição dos papeis foi esta:

D. Manuel, rei de Portugal..	Victorino
D. Beatriz.....	Emilia
Gil Vicente.....	Theodorico
Paula Vicente.....	Carlota Talassi
Pero Çafio.....	Lisboa
Conde V. Nova de Portimão	Matta
Garcia de Rezende.....	Theodorico Junior
Barão de Saint-Germain....	Van-nez
Doutor Joseph Passerio.....	Fidanza
Chatel.....	Ventura
Bispo de Torga.....	Rosa
Joanna de Taco.....	Catharina Talassi
O mordomo mór d'el-rei...	Farruge
Um pagem d'el-rei.....	Julio
D. Ignez de Mello, *dama da infanta*.....	Maria da Luz

Quatro actores da companhia de Gil Vicente: Primeiro, Tasso; segundo, Reis, terceiro, Vianna, quarto, Sarzedas.

Duas actrizes da mesma companhia: primeira, Trindade, segunda Guilhermina.

N'este drama estreiou-se Emilia das Neves e Sousa.

(Continua). *Maximiliano d'Azevedo.*

J. BARBOSA RODRIGUES

BOTANICO BRAZILEIRO

Enganam-se aquelles que suppoem o Brazil alheio ao movimento civilisador, caracterisado pelo desenvolvimento das sciencias. Um impulso de grande importancia, e podemos mesmo dizer de grande futuro, se os governos d'aquelle paiz souberem cumprir os seus deveres, está dado. D'alguns annos a esta parte um grupo de investigadores dedicados e habeis, embora pouco numeroso, tem despertado a attenção para os estudos originaes e encetado uma nova era scientifica.

J. Barbosa Rodrigues representa um dos mais valentes propulsores d'esse movimento de emancipação scientifica no Brazil. Os seus esplendidos estudos de botanica, especialmente nas familias das *orchideas* e das *palmeiras* dão-lhe um logar dos mais distinctos entre os botanicos; e os seus estudos ethnologicos lançam luz sobre muitos problemas, que dizem respeito ás raças do continente americano.

A presente noticia sobre a sua vida e trabalhos é uma simples mas sincera homenagem de admiração de quem teve a fortuna de examinar os materiaes para o estudo colligido pelo infatigavel investigador, e de notar o enthusiasmo pelas sciencias em que tem revelado aptidões excepcionaes.

J. Barbosa Rodrigues nasceu em 22 de junho de 1842 e é filho de João Barbosa Rodrigues, natural de Vianna do Castello que exerceu o commercio em Minas, onde se tornou notavel pelos seus sentimentos de caridade, e de D. Maria Carlota da Silva Santos, brazileira.

A vocação irresistivel para o estudo da natureza, de que dera provas colleccionando, ainda muito novo, plantas e insectos, desviou-o da vida commercial para que seu pae o destinava. Em 1869 tinha terminado o seu curso de lettras. O fallecimento de seu pae obstou a que elle seguisse o curso de medicina, em que pertendia matricular-se; e vêmo-lo occupar successivamente o logar de secretario do Instituto Commercial, secretario e depois professor de desenho do collegio de Pedro II.

O primeiro trabalho botanico que emprehendeu foi a monographia das orchideas do Brazil, que começou em 1868. Hoje esta obra, sob o titulo de *Iconographie des Orchidées du Brezil* comprehende 17 grandes volumes com 1000 estampas primorosamente coloridas, representando não só o porte d'aquellas plantas, mas todos os detalhes analyticos para a descripção e classificação d'ellas. É uma obra monumental que de per si só formaria a reputação de mais de um botanico.

O auctor sollicitara do parlamento brazileiro, na sessão legislativa de 1871, um subsidio para a publicação da sua obra; mas o respectivo projecto de lei, que chegou a ser approvado pela camara dos deputados, cahiu na camara dos senadores, dando-se por motivo estar escrevendo para a *Flora braziliensis*, de Martius, subsidiada pelo Estado, uma monographia sobre o mesmo assumpto, a primeira auctoridade em Orchideas, o sabio allemão Dr. Henrique Gustavo Reichembach. Entretanto o sabio J. D. Hooker, director dos Jardins de Kew, a quem a obra depois foi presente, classifica-a de preciosa e declara que ella é eminentemente digna de publicação. Seis annos depois o sabio orchideologista, a que nos referimos, pede por intermedio do botanico sueco André Regnell, a collaboração do botanico brazileiro, que recusa por motivos de amôr patrio; e renuncia a escrever a dita monographia depois de muitos annos de estudo. O proprio director d'aquella importantante publicação o Dr. Eschler, pede-lhe tambem por intermedio do Dr. Wawra, a sua cooperação com o Dr. Kraenzlin para o mesma monographia, a que elle egualmente se negou. Todas estas circumstancias revelam o alto valor do trabalho de Barbosa Rodrigues, que não podendo publical-lo completamente, por lhe faltar o auxilio official indispensavel para obras que se tornam demasiadamente dispendiosas, pela parte iconographica sobre tudo, se resolveu a dar á luz as descripções de algumas especies e generos novos, em dois volumes que tem por titulo *Genero et especies orchidearum novarum*, o primeiro em 1877 contendo 230 especies novas, e o segundo, no anno passado com mais de 310 especies novas.

Em 1871, sob a regencia da princeza imperial, foi encarregado pelo governo imperial de explorar o valle do Amazonas, tendo entre outras obrigações a de completar, corrigir e augmentar o *Genera Palmarum* do venerando Martius. N'estas regiões já percorridas pelo desventurado naturalista portuguez — Alexandre Rodrigues Ferreira — se demorou tres annos e meio. Explorou os rios Capim, Tapajós, Trombetas, Jamundá, Urubu e Jatapu, sobre os quaes publicou em 1875 cinco relatorios, que em poucos mezes estavam esgotados. O auctor tem em manuscripto as duas obras: *La vallée des Amazones, notes d'un naturaliste brésilien;* e *Récits de voyages dans l'Amazone*, onde são descriptas as peripecias d'esta exploração difficil em que a fome e as intemperies, a lucta com os indios e os animaes ferozes, a subida das cachoeiras n'uma das quaes teve perdida a esposa, poem a vida em constante risco.

Foi n'esta viagem que recolheu os materiaes para a sua obra sobre palmeiras, que publicou em 1875 sob os auspicios do ministerio de agricultura, com o titulo de — *Enumeratio palmarum novarum* — na qual são contidas as diagnoses de sessenta e duas especies novas. Tendo voltado do Amazonas, partiu em 1876 para Minas Geraes e ahi recolheu novos materiaes, com os quaes e os colhidos anteriormente organisou a sua obra *Sertum palmarum*, acompanhada de estampas coloridas e que ainda não foi publicada.

Depois de uma exposição publica dos seus trabalhos, que se poude realisar pela protecção da princeza imperial, e que foi aberta pelo conde d'Eu em 30 de julho de 1876, tendo sido suspenso da commissão que desempenhara, e emfim não achando o sufficiente favor nos poderes publicos para fazer valer os seus trabalhos, retirou-se um pouco desgostoso á vida particular; e hoje está dirigindo uma fabrica de sulfureto de carbono, pertencente a um particular, no Rodeio, que fica na estrada de Ferro de Pedro II, a 86 kilometros da côrte.

Além dos seus trabalhos botanicos devem notar-se os de archeologia e etnographia. N'esta especialidade mencionaremos as suas — *Antiguidades do Amazonas*, publicadas em 1879; o seu estudo sobre — *O primeiro idolo amasonico; as lendas e as crenças indigenas; a dansa e o canto selvicola; e o muirakitan, precioso coevo do homem anti-columbiano.* O sabio italiano H. Giglioli, perante a sociedade anthropologica de Florença e na presença do imperador do Brazil, na occasião da ultima viagem d'este pela Europa, fez sobre os trabalhos etnographicos de Barbosa Rodrigues uma conferencia em que muito o apreciou e que foi publicada com o titulo — *Lo estudio d'ell etnologia al Brazile.*

Em 1878 occupou-se do *Curare*, fazendo sobre este ponto conferencias e experiencias publicas na faculdade de medicina e na academia de medicina, tendentes a demonstrar a efficacia do sal commum como antidoto d'aquelle energico veneno indigena, terminando por fazer em 10 de outubro de 1880 uma conferencia sobre o assumpto, perante o imperador. A importancia que assumiu esta materia, em consequencia das contestações a que deu logar, fez sentir a necessidade da creação de um laboratorio de physiologia ex-

perimental, que foi annexado ao museu nacional do Rio de Janeiro, e onde trabalha, entre outros, o dr. J. B. de Lacerda, que descobriu ser o permanganato de potassa o antidoto do veneno das serpentes. Hoje existe além d'esse outro laboratorio analogo na faculdade de medicina.

Além dos trabalhos referidos, outros tem feito o auctor, que existem archivados em diversas revistas e jornaes do Brazil. Tem-lhe sido tambem preciso reivindicar a prioridade na descoberta de especies novas de palmeira do Brazil, e sobre o assumpto escreveu: o *protesto appendice ao enumeratio palmarium novarum*, 1879, em contestação ao professor de Aberdeen, J. W. H. Trail, que com elle herborisou no Amazonas em 1874; e — *les palmiers* — 1882, em que faz algumas observações á monographia das palmeiras, devida ao professor Drude, e que faz parte da *Flora braziliensis*.

Os merecimentos do auctor tem sido devidamente reconhecidos na Europa. Elle entretem relações com diversos sabios notaveis. É membro da real e imperial sociedade de botanica de Vienna, por proposta do botanico dr. H. Wawra von Fernsee, que o visitou em agosto de 1879; da real sociedade botanica de Edinburgo, por proposta do sabio Balfour; da dos naturalistas de Freiburg, proposto pelo conselheiro Fischer, director do museu mineralogico de Baden; da real sociedade anthropologica e ethnologica de Florença, por proposta de Giglioli; da nossa academia de sciencias, pelo conde de Ficalho; da sociedade de hortiçultura de Marselha, pelo conde des Voisins, etc. É laureado com a medalha de ouro pela academia nacional de Paris. De seu paiz é membro desde 1876 da sociedade mais importante, que é o instituto historico e geographico do Brazil.

O governo do Brazil forneceu-lhe ensejo de estudar, durante algum tempo, a flora d'aquelle paiz, como já dissemos: mas não lhe tem dado a protecção de que carecia, quer para continuar os seus estudos, quer para a publicação acurada das suas principaes obras, publicação excessivamente dispendiosa, pela reproducção das estampas coloridas. Já a imprensa brazileira promoveu em 1879 uma subscripção nacional para a publicação do *Sertum palmarum*; mas esta subscripção ainda não attingiu a somma precisa. Assim, associando-nos ao *Jornal do Commercio* do Rio, lamentamos deveras o abandono em que tem sido deixado um sabio de uma vocação especial, de talento tão altamente comprovado e que inspirado pelo bom nome do seu paiz, tem sacrificado á causa da sciencia a sua fortuna, a sua saude, a sua intelligencia e até arriscado a vida; e fazemos votos para que o Brazil repare esta injustiça, de modo que trabalhos tão importantes sejam devidamente aproveitados e apreciados.

Porto, agosto de 1883.

Antonio J. Ferreira da Silva
Lente da academia polytechnica.

DEZ DIAS EM HESPANHA

NOTAS DE VIAGEM

(Continuado do n.º 169)

II

De todos os portuguezes que tem ido a Hespanha, poucos e rarissimos ha que não tenham assistido a essa grande festa nacional da Hespanha, a esse brutal e selvagem divertimento que é a grande nodoa da civilisação hespanhola, uma corrida de touros.

Eu sou um d'esses poucos. A curiosidade chamava-me para lá, mas o nojo e a indignação que me causavam as descripções das touradas, fôram superiores a toda a curiosidade, e emquanto os meus companheiros de viagem corriam para a *Plaza del toros*, eu e o Costa, o Petti Bomnhome, o unico cuja curiosidade foi tambem vencida, fomos passear pela cidade, vêr a chamada casa de campo do rei, que fica por detraz do palacio do Oriente, fóra das barreiras, e de que nos diziam maravilhas.

Estava porém escripto que a barbaridade hespanhola, nos devia atormentar n'esse dia, e como nós não fomos ao seu encontro na Praça dos touros, veio ella ao nosso, na calle do Arenal.

A calle do Arenal é uma rua extensa e trivial, que vae das Puertas del Sol á praça do Oriente, passando pelo theatro real da Opera.

As ruas de Madrid, tirando a calle d'Alcalá, e a carrera S. Jeronymo, são vulgares e algumas feiissimas.

A calle do Arenal não tem nada de notavel, tem estabelecimentos triviaes, que estão longe do luxo d'algumas lojas das Puertas del Sol, e das outras duas ruas que já fallámos.

Em geral, os estabelecimentos de grande luxo em Madrid, são em primeiro logar os cafés, e depois casas de modas, bazares, e algumas, ainda que poucas, confeitarias.

Os outros ramos de commercio tem em Madrid lojas mesquinhas, ordinarias, que ficam a perder de vista dos estabelecimentos de Lisboa.

Tabacarias, por exemplo, são uma verdadeira decepção para o portuguez que imagina que em Hespanha se fuma excellentemente.

O tabaco em Madrid é carissimo e detestavel; as lojas em que o vendem estão a par dos nossos mais modestos estancos antigos.

Um amigo nosso, dos que mais presamos, fizera-nos para Madrid uma encommenda unica — um charuto bom, um só.

Quizemos satisfazer religiosamente a encommenda, um charuto só mas um charuto bom! Suámos para o encontrar, o que aliás não era muito difficil em Madrid, com o calor tropical que n'aquelles dias de maio já lá havia.

Corremos estancos e estancos, desde o dia da nossa chegada até ao dia da nossa partida em procura do charuto bom.

No dia da chegada, ainda ignorantes dos usos da terra, valeu-nos essa visita aos estancos, um espanto enorme.

Entramos n'um estanco, o primeiro em que entramos em Madrid na *calle Mayor*.

Ao balcão vendia tabaco uma hespanhola lindissima.

Pedimos dos charutos melhores. — Eram de peseta. Comprámos para provar, e demos uma moeda de cinco duros para pagamento.

Com grande admiração nossa a formosa hespanhola pega na moeda d'ouro e começa a bater com ella no balcão, a bater com ella no chão, com a desconfiança insistente, com que qualquer logista esperto de Lisboa trataria uma moeda de cinco tostões apresentada pelo Pera de Satanaz.

Irritou-nos aquella grosseria mas como era uma mulher calámo-nos.

Depois soubemos que era uso em Hespanha fazer-se aquillo a todo o dinheiro que se recebe desde um perro, até um escudo.

A confiança não é o esteio das relações commerciaes dos logistas com o publico, em Madrid.

Na nossa peregrinação pelos estancos de Madrid fumámos charutos de preços exhorbitantes e apesar d'isso fumámos sempre mal,

É que o tabaco havano é contrabando em Madrid. Só a venda do tabaco hespanhol é authorisada, e o tabaco hespanhol é caro e mau.

Em Lisboa é que viémos saber mais tarde onde se vende o tabaco havano em Madrid, e como lá não o soubemos, encontrámos charutos caros, mas não encontrámos charutos bons.

E a encommenda do nosso amigo só poude ser satisfeita em metade: — trouxemos um só, como se diz na Mascotte.

Gervasio Lobato.

EXPOSIÇÃO DE MANUFATURAS

DO DISTRICTO DE COIMBRA

As coisas entre nós ou se não fazem, ou quando se cria o gosto d'ellas, não se pára no caminho da sua realisação.

Assim são as exposições. Desde a epoca da exposição internacional em 1865, que deixou o seu documento imperecedouro no Palacio de Chirstal do Porto, introduziu-se o gosto d'ellas.

Todos os annos, desde certo tempo, tem alli havido uma exposição de flores. Ultimamente, depois da exposição de arte ornamental, temos tido a exposição de ceramica do Porto, de ourivesaria da mesma cidade, que abre a 16 do corrente, a de objectos de arte d'Aveiro, etc.

Está em via de organisação a de agricultura de Lisboa, e agora Coimbra, que por tantos titulos tem um logar importante nas sciencias e nas lettras portuguezas, vae abrir um d'estes torneios da arte e da industria.

Existe n'aquella bella cidade desde certo tempo uma corporação intitulada *Escola livre das artes do desenho*, e foi esta que, reunindo todas as energias e boas vontades que em si contem, decidiu promover e realisar, na rainha do Mondego, uma *Exposição de manufacturas* do districto, que deverá realisar-se em janeiro de 1884.

A abertura da exposição deverá verificar-se no primeiro do referido mez. A commissão executiva é composta dos srs. Joaquim Martins de Carvalho, presidente, Antonio José da Costa, Arnaldo Augusto de Sousa Doria, Cassiano Augusto Martins Ribeiro, Estevão Parada, José Lucio Dias, Manuel José da Costa Soares, Severino Lopes Guimarães, Antonio Augusto Gonçalves, secretario, Manuel A. Rodrigues da Silva, secretario.

A exposição é dividida nas seguintes partes:

1.º *grupo — Bellas artes e applicações*, comprehendendo; *architectura*, projectos de edificações civis, religiosas e militares; restaurações.— *Esculptura* em pedra, metaes, madeira, barro cosido, gesso, cera etc, modelação decorativa (figura e ornato). — *Pintura* a oleo, a aguarela, miniatura etc.; desenhos á penna, a pastel etc.; pintura decorativa (figura e ornato). — *Applicação usual das artes do desenho e da plastica*, esmaltes, mosaicos, gravura, medalhas, objectos elculpturados, mappas geographicos, especimens calligraphicos etc.

2.º *grupo — Educação e elementos de estudo. — Methodos de ensino de desenho*, na instrucção primaria, secundaria, superior e industrial; *papelarias; trabalhos typographicos e lithographicos; encadernação; photographia; instrumentos de musica.*

3.º *grupo — Mobiliario e accessorios. — Moveis de luxo e objectos de decoração das habitações; moveis baratos e utensilios domesticos; obras de tapete: estofos, colxas etc., tecidos de palha e de vime etc.; oleados; vidraria; ceramica:* louças, azulejos, objectos de ornato, etc.; *serralheria e fundição:* moveis de ferro, cutelaria, quinquelheria, etc.; *ourivesaria; relojoaria.*

4.º *grupo — Tecidos vestidos e accessorios. Fiação; tecidos;* de lã, linho, algodão, etc.; *rendas e bordados; passamanaria;* borlas, galões, franja, enfeites, etc.; *vestuario:* obras de alfaiate, roupa branca, artigos de modas etc.; *chapelaria: armas portateis; objectos de viagem;* malas, sellarias, guarda-chuvas etc.; *calçado.*

5.º *grupo — Machinas. — Carruagens e outros vehiculos; instrumentos agricolas; utensilios de manufacturas e officinas industriaes. Apparelhos e machinas de qualquer uso ou applicação.*

6.º *grupo — Industria extractiva e suas transformações. — Productos de exploraçao de minas e metallurgia; productos de exploração florestal:* madeiras, cortiça, etc.; *productos de caça e pesca; productos agricolas não alimentares;* lãs, linhos, seda etc.; *cordoaria e poleame; productos chimicos e pharmaceuticos:* cera, saes, sabão, etc.; processos de tinturaria e lavagem etc.; *couros e pelles.*

7.º *grupo — Industria agricola. — Bebidas fermentadas:* vinhos, cervejas, vinagres, alcools, licores etc.; *productos oleaginosos:* azeites, oleos, *lacticinios:* manteiga, queijaria; *productos panificados e feculentos:* moagens de pão, biscoutaria, massas etc.; *instrumentos e utensilios;* ferramentas, vasilhame, apparelhos de distillação, etc.

Nos productos expostos deve-se attender principalmente á sua utilidade; o espaço é cedido gratuitamente aos expositores, o transporte é por conta d'estes, quem quizer ser expositor deve dirigir-se com toda a brevidade á commissão; serão conferidos premios por um jury especial.

Auguramos o mais brilhante resultado a este emprehendimento.

RESENHA NOTICIOSA

Carreira de africa oriental. — No dia 4 do corrente sahiu de Lisboa o vapor *Roslin-Castle* de 4280 toneladas, com direcção aos portos de Lourenço Marques, Inhambane, Chiloane, Quilimane, Moçambique, Ibo, Lindi e Zanzibar, fazendo escala pelos portos do Cabo da Boa Esperança. A Companhia para a navegação das colonias portuguezas é ingleza, e tal é a vantagem d'esta carreira para o commercio de Inglaterra, que o vapor chegou ao nosso porto, donde parece devia ser o ponto de origem, já com 50 passageiros de 1.ª classe, 53 de 2.ª, e uma carga importante, de Lisboa levou apenas 9 passageiros para a nossa colonia, e 200 toneladas de carga.

O vapor não partiu no dia que estava annunciado, mas no immediato e horas antes da sua saida houve um lunch a bordo, a que assistiram o sr. presidente do conselho, ministro da marinha, alguns membros do alto commercio, industria e imprensa portugueza. Fizeram-se varios brindes aos monarchas dos dois paizes, ao seu commercio, ás suas boas relações; o governador do cabo da Boa Esperança brindou á união de Portugal e Inglaterra para a resolução do problema da colonisação d'Africa; Lourenço Marques, Bolama, Zanzibar, o Congo, etc., mostram como a Inglaterra intende essa união.

Na popa do navio fluctuava a bandeira ingleza,

respeitavel quando se trata de Inglaterra, mas que era uma ironia ao commercio portuguez alli representado, e que, segundo um dos brindes, tanto se empenhou para que se abrisse esta carreira para Moçambique, mas que não achou no seu patriotismo a força e calor suficientes para constituir uma empreza, creada em seu proveito, e que devia ser exclusivamente portugueza, assim como as não tem achado para auxiliar outras emprezas de importancia para a Africa, que têem tido necessidade para se desenvolverem de ir mendigar os capitaes estrangeiros.

Nos seculos XV e XVI o commercio portuguez ia com os seus navios á Inglaterra, á França, aos Paizes Baixos, ao Mediterraneo á Africa, á America, á Asia, á Oceania, apesar dos piratas inglezes, francezes, berberescos e chinas, e não o podemos considerar nem mais rico, nem mais instruido, nem mais pratico do que é hoje.

Aplaudindo pois este grande melhoramento só lamentamos que a empreza não seja portugueza, e que não seja a nossa bandeira que fluctue nos navios da nova carreira; o governo devia ter imposto esta condição no seu programma.

O MOVIMENTO ANTI-SEMITCO. — Os historiadores, e nomeadamente alguns dos nossos modernos escriptores, tem pintado com côres terriveis o que Hespanha e principalmente Portugal, praticou com relação aos judeus, nos fins do XV, principios do XVI seculos; como não deveremos modificar a nossa maneira de ver as cousas, ao considerarmos que hoje, em pleno seculo XIX, no seio de nações em mais adiantada civilisação, do que não era a d'aquelles tempos, com uma comprehensão mais ampla e liberal dos principios philosophicos, civis, e religiosos, esse movimento se apresente tão pronunciado, que se chega a apedrejar uma actriz porque é judia, e se praticam outros factos, que se não attingem as proporções dos antigos, é porque os meios de que os governos hoje dispõem são outros, mais promptos e efficazes. Apesar d'isso a mesma França, que é o nosso prototypo, publica numero de periodicos anti-semiticos; na Argelia praticam-se ás vezes algumas scenas anti-semiticas; na Hungria, esse movimento assume por vezes caracter aterrador. No meio d'esta scena que abrange a Russia, a Allemanha, os paizes danubianos, a França, e os paizes musulmanos, o imperador de Marrocos ordena aos governadores das suas provincias, cidades, etc., não só que protejam os israelitas, mas que lhe communiquem logo os seus agravos, quando contra elles se praticar alguma arbitrariedade. Não nos illudamos porém, sabendo que as reclamações da Italia ao sultão tiveram por causa um judeu.

MANOBRAS DO EXERCITO ALLEMÃO. — Estão convidados para assistir a ellas no presente outomno os reis de Hespanha e da Servia, os principes real de Portugal, e de Galles, o duque de Cambridge, o grão-duque Wladmiro, os grãos-duques de Hesse e Baden e todos, os principes allemães.

Terminadas as manobras realisar-se-ha a inauguração da colossal estatua — *Germania*, — destinada a commemorar a instituição do novo imperio allemão.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

CAUSTICOS *por Guedes d'Oliveira (Tito Litho), Bibliotheca Romantica Portuense, editora, Porto, 1883, 8.º de 108 paginas com 2 de indece e erratas e 1 com um retrato.* É um livro de versos em que o auctor fallando da grammatica diz:

Vou deixar-te! Mais não posso
Aguentar o supplicio!
Rezarei-te um Padre-Nosso
Na tasca do meu officio!

no, *Concertante Final:*

Sem medida nem bitóla,
Mesmo cheios d'aleijões
Não permittidos na escola
São versos de tres tostões...

GUIA HISTORICO DO VIAJANTE NO BUSSACO *por Augusto Mendes Simões de Castro etc., Coimbra 1883.* É a segunda edição que o sr. Simões de Castro faz d'este livro, e isso é a sua maior recommendação n'um paiz em que a maioria dos livros não vão além da primeira edição. É que este livro, assim como todos que o sr. Simões de Castro tem produzido, é feito com a mais escrupulosa consciencia de investigador historico e infatigavel. Além d'isso é um livro indispensavel a todo o viajante intelligente que visite o Bussaco, para saber a historia d'aquellas alterosas arvores, que os seculos tem envelhecido e quantas estrophes sublimes ellas tem inspirado aos poetas á sua sombra acolhidos.

Tudo quanto possa interessar respeitante ao Bussaco tudo se encontra nas 252 paginas d'este livro illustrado com gravuras e que apenas custa 500 réis.

MOEDAS DE COBRE, DO REINADO DE EL-REI D. LUIZ I, QUE RETIRAM DA CIRCULAÇÃO

NOÇÕES DE PHYSICA MODERNA, *com numerosas applicações por Francisco da Fonseca Benevides etc., Lisboa 1883.* Dois tomos de cerca de 350 paginas cada um, em 4.º grande, com 775 figuras demonstrativas. É a quarta edição que se faz d'esta obra, cuja primeira sahiu á luz em 1870, e por isto se vê qual a importancia da obra e a sua utilidade, o que já por outras vezes temos encarecido fallando de outros livros de estudo publicados pelo sr. Benevides, a quem se não pode negar a sua infatigabilidade e estudo, não só, no campo da sciencia, mas ainda no da historia que tambem cultiva com proveitosos fructos.

Esta edição está augmentada com todas as novidades que as sciencias physicas tem apresentado durante o tempo que mediou entre a 3.ª e a presente.

A ESTAÇÃO, *jornal illustrado para a familia, Lombaerts & C.ª, editores, agente em Portugal Ernesto Chardron.* N.º 17 do 1.º de setembro d'este periodico de modas, que começa agora a apparecer em Portugal, mas que já vae no XXII anno da sua publicação, sem que possamos saber onde este é feito.

ALBUM DAS GLORIAS, *desenhos de Raphael Bordallo Pinheiro, textos de João Ribaxo, lithographias de Justino R. G. Guedes.* N.º 36 que publica o retrato de Lucinda Simões o talento mais robusto, hoje, da scena portugueza.

O INSTITUTO, *revista scientifica e litteraria: vol. XXXI julho de 1883, segunda serie nº 1, Coimbra.* Este numero encerra grande variedade de artigos sobre sciencia, historia e litteratura.

RELATORIO E CONTAS DA SOCIEDADE DOS ARTISTAS LISBONENSES, *no anno economico de 1882 1883, Lisboa.* Esta associação conta já quarenta e quatro annos de existencia o que é o mesmo que dizer quarenta e quatro annos de bons serviços. Hoje é uma das associações de soccorro mutuo que mais garantias offerece de estabilidade.

No relatorio que temos presente encontramos o discurso que o seu digno presidente o sr. José Antonio Dias leu em sessão de 3 de fevereiro do corrente anno, em que se refere muito especialmente ao congresso das associações, tratando o assumpto com a competencia que todos reconhecem, n'este dedicado apostolo da associação em Portugal.

O «OCCIDENTE» NO BRAZIL

É grande o desenvolvimento que o OCCIDENTE tem tomado, tanto em Portugal como no Brazil.

O publico tem feito justiça aos esforços d'esta Empreza, e o OCCIDENTE, graças a cooperação intelligente dos seus correspondentes, vê todos os dias crescer o numero dos seus leitores.

A todos a Empreza agradece.

Os srs. Faro & Lino unicos agentes do nosso periodico, no Rio de Janeiro, tem sido, por ventura, um dos que mais tem concorrido para este resultado, e propõem-se no proximo anno de 1884 a dar maior desenvolvimento á assignatura do OCCIDENTE n'aquelle imperio.

Para esse fim contam, não só com as vantagens excepcionaes que offerecem, mas ainda com o patriotismo nunca desmentido dos nossos irmãos de alem mar, visto que se trata do OCCIDENTE, unica illustração de caracter exclusivamente portuguez que hoje se publica.

Podem, pois, as pessoas que desejarem assignar o OCCIDENTE dirigirem-se aos srs. Faro & Lino, rua do Ouvidor, 74, Rio de Janeiro, que n'aquelles cavalheiros encontrarão a melhor vontade em facultarem a assignatura d'este periodico, nas condições mais vantajosas.

Aproveitamos está occasião para declarar que, em consequencia das amiudadas alternativas de cambio, esta Empreza deixará de fixar o preço da assignatura do OCCIDENTE em moeda fraca, a partir do principio do proximo anno de 1884.

ENIGMA

Explicação do enigma do numero antecedente:
Os livros são goso para o espirito.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1883, LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6